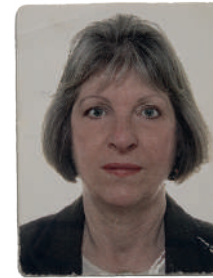




RETRATOS DE PASSAGEM
CONHECER E RE-CONHECER



Retratos de passagem
conhecer e re-conhecer

Retratos de passagem
conhecer e re-conhecer

Terenah de Lima

2024

Existem diversas formas de se relacionar com as imagens. Aos dezessete anos, Jéssica carregava em sua carteira, fotografias 3x4 de seus entes queridos. Aos onze, passei a fazer o mesmo.

As fotografias 3x4, historicamente, possuem função. Seu encargo nada tem a ver com colecionismo ou com entes queridos, mas com identificação e documentação de civis. No entanto, como qualquer outra coisa, sua função se transmuta no processo de atribuição de significado.











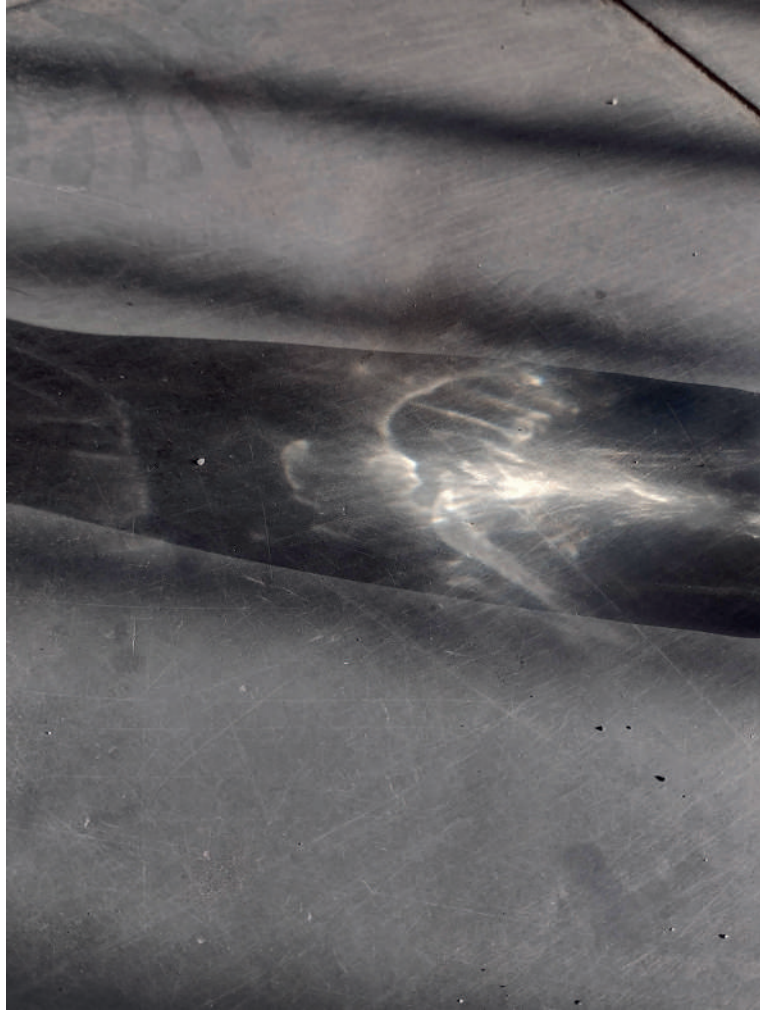


















































Imagens que remetem a outras pessoas e coisas além
do que revelam suas superfícies impressas em tinta.

1.

Tantas coisas se foram, sumiram, se esconderam, não sei onde. Dentre todas, eu lembro de algumas, o corpo sente.

Quando era pequeno, no alto do morro com meu pai, vimos as estrelas. Eu as percebi e não esqueço.

Farfalhavam as folhas das árvores do nosso caminho. Os raios de sol cruzavam o horizonte listrado da estrada que ficava para trás com o balanço do automóvel.

Depois de uma noite imaginando histórias, abri os olhos e vi, não havia tempo. A atmosfera difusa da luz da manhã se confundia com o colorido das vidraças da janela.

Enquanto me lembrava, mais uma vez senti. Uma paisagem se delineou no escuro dos meus olhos fechados. O sol no céu, os raios atravessando a carne das pálpebras. Como se pudesse saber como é sua forma oscilante sem vê-la, senti um desenho em movimento, lava-relevo de mares de morros. Hora chão no céu, hora mar de fogo. Geometria ambulante, chama na brisa.

Nos registros fotográficos encontro essas imagens-
lembança que não foram vistas por lentes.

2.

Em algum momento passamos a acreditar que as pessoas podem “se separar da natureza”. Que as cidades, as casas, os prédios e os carros, idealizados pelo detentor de todo o conhecimento e criatividade, o ser humano, inventou sozinho tudo o que não é árvore, o que não é bicho, o que não é ar, terra, água e fogo, matéria. E achou, ainda, que é o único jeito possível de viver. Donos do mundo, mataram e perderam. Sofremos com a miséria.

Afastamos a matéria de si mesma, aproximando-a de conceitos e valores. Então, nos esforçamos para entender esses conceitos dissociados daquilo que está na nossa frente, que podemos tocar, ver e sentir. Quem não é bicho, planta, gente, não tem vida. Restou aos materiais padecer em sua forma imutável, incapazes de transformação. Já não sabemos mais do conhecimento dos povos que constroem com a floresta, nos afastamos com tanto afínco da natureza que nos cerca que ficamos incapazes de percebê-la.

É importante falar das coisas tristes. No entanto, às vezes a desilusão vem como semente, cresce e se alastra pelo corpo e dói, como os galhos ao perfurarem a carne. E então, nos atravessam. Não passam sem deixar rastros, já não somos os mesmos.

Nosso corpo, junção de mil partículas que tentamos com todo o afínco nomear, é o que, senão micro partes de elementos do mundo decantados em gente? Falam de alma e de espírito e de substância, na tentativa de nos diferenciar das “coisas sem vida”, dos objetos, daquilo que pode ser utilizado e extraído à exaustão.

Mas as outras coisas não humanas, como nós, também são feitas de materiais oriundos do mundo. Desconsiderar a vida das coisas, é desconsiderar todos os processos e vidas humanas emaranhadas em sua existência. As coisas se excedem, se expandem e vazam para além dos limites de sua superfície. Se transubstanciam em outras coisas e significados, compõem malhas de complexas interações.

Os objetos têm vida, intermedeiam relacionamentos, trocas e funções sociais. A subjetividade está presente em todas as coisas. As pessoas criam objetos e são, ao mesmo tempo, criadas por eles.

Do encontro dos humanos com os materiais, faiscam transformações. A criação é sempre um ato conjunto.

3.

As paisagens do mundo habitam o nosso corpo na lembrança, no alimento, nos caminhos, encontros e reencontros. Cada pessoa carrega em seu âmago as paisagens por onde passou. E cada paisagem traz consigo os rastros das coisas que por ali aconteceram. Pessoas e paisagens conversam o tempo todo. Se permeiam, já não há diferença entre nós.

Pelas paisagens descobrimos a história de outras vidas que há muito ocuparam o planeta.

A fotografia registra um instante da vida das coisas. Me pego pensando num passado distante, num espaço que desconheço, onde jazia a árvore que deu a madeira para fazer a mesa da cozinha de minha mãe, que já foi mesa da cozinha de minha avó, de minha bisavó e muito antes, da terra. Paisagens animadas. São muitas as transformações que levam algo a estar diante da vista.

Agradecimentos

Agradeço às confluências dos fluxos de materiais que me trouxeram à vida, por possibilitarem a existência e o encontro com as pessoas e coisas a quem este livro se dedica.

Hoje, compreendo que aprender é transformar-se. A sensação ímpar de renovar-se ao descobrir e entender algo que antes não se sabia; o conhecimento passando a ser parte do corpo. Por isso, agradeço também ao aprendizado dos outros e aos autores, que escreveram sobre suas trajetórias, palavras que me tocaram profundamente: Tim Ingold, pela sensibilidade de perceber a vida em todas as coisas, com um pensamento sobretudo ecológico; Didi-Huberman, por revisitar paisagens repletas de histórias; e a tantas outras pessoas e saberes com os quais pude ter o prazer de entrar em contato durante os anos de graduação.

Este trabalho teve início em 2011, com a coleção. É com alegria e muito amor que escrevo essas palavras de encerramento, 13 anos depois.

Bibliografia

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Editora 34, 2009.

INGOLD, Tim. Fazer: Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora 34, 2018.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significados nas artes indígenas. São Paulo: Revista PROA, n. 02, vol. 01, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de Verônica S. de L. Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOLLI, Pedro; DEL PICCHIA, Paulo Menotti. Os trompetes dos guaribas: do modo de existência artefactual da pessoa no alto rio Negro. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 16, n. 2, e20200065, 2021. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0065.

MANN, Sally. Immediate Family. New York: Aperture, 1992.

PRICE, Sally. Arte Primitiva em Centros Civilizados. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RUKA, Inta. My Country People. Riga: Sorosa Musdienu Makslas Centrs, 1999.

VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. O objeto etnográfico é irredutível? São Paulo: Editora Unesp, 2001.

Retratos de passagem: conhecer e re-conhecer é um ensaio desenvolvido para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes de Universidade de São Paulo.

Fotografias e projeto gráfico: Terenah de Lima
Formato: 178 x 240 mm
Tipologia: Courier
Miolo: Garda Kiara 135 g/m²
Impressão: Ipsis Gráfica
Acabamento e encadernação: Libelus encadernação
Tipografia: Faelpa Artes Gráficas - Paulo Cerullo
Número de páginas: 80
Tiragem: 10

Impresso em dezembro de 2024

Stefani, Terenah Penhas de Lima

Retratos de Passagem : conhecer e re-conhecer / Terenah Penhas de Lima Stefani; orientador, João Luiz Musa. - São Paulo, 2024.

80 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. Retratos. 2. Paisagens. 3. Vida das coisas. 4. Fluxo de materias. 5. Saber da experiência . I. Luiz Musa, João . II. Título.

CDD 21.ed. - 770



